

Sentidos em Torno do Corpo Transexual: O Discurso Médico- Científico no Livro *A Garota Dinamarquesa* de David Ebershoff

*Meanings Around the Transsexual Body: The Medico-Scientific Discourse
in David Ebershoff's The Danish Girl*

Dánie Marcelo de Jesus*, Gabriel Marchetto**, Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin***

RESUMO: Este artigo tem como objetivo discutir os sentidos em torno do corpo transexual por meio do discurso médico-científico na construção da personagem de Lili Elbe, em *A Garota dinamarquesa*, escritor David Ebershoff, na qualidade de mulher transexual. Teoricamente, este trabalho tem se fundamentado em uma perspectiva indisciplinar queer de linguística aplicada (MOITA LOPES, 2006; FABRICIO, 2017; BUTLER, 1990; SALIH, 2017; MISKOLCI, 2017) e pesquisas acerca da corporeidade transexual no discurso médico-científico (BENTO, 2008, 2014; CASSANA, 2018; DENARDIN, 2019). Metodologicamente, este artigo se enquadra num viés analítico-interpretativista. Para geração dos dados, realizou-se a análise do livro e de alguns excertos no intuito de identificar como o discurso médico-científico é construído discursivamente ao longo da narrativa. Sobre a trama, a personagem principal Lili, ou Einar Wegener, é descrita como uma sujeita que vive em um processo dual que oscila entre duas personas distintas, o masculino (Einar) e o feminino (Lili que emerge no decorrer da trama) que se apropria do discurso médico-científico como um (entre)meio para se autojustificar, no entanto, parece colaborar com o processo de patologização, que é correlacionado às mulheres transexuais e que são ainda ditas pelo senso comum como portadoras de transtornos de personalidade relacionados à sexualidade. Os resultados apontam para o estabelecimento de uma essencialidade entre identidade de gênero e sexualidade, embasados na interseccionalidade do discurso médico-científico, vinculados ao essencialismo sexual binário presente na sociedade: homem/mulher, macho/fêmea, deixando assim de legitimar o lugar dos sujeitos trans, que também integram e constituem e sempre fizeram parte da sociedade.


PALAVRAS-CHAVE: Garota dinamarquesa; corpo; discurso médico-científico; transexualidade.

ABSTRACT: This article aims to discuss meanings related to the

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Linguagem, campus de Cuiabá-MT. E-mail: daniepuc@gmail.com

** Professor efetivo de Língua Inglesa – SEDUC/MT e Mestrando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso campus de Cuiabá-MT. E-mail: gabrielmarchetto@live.com

*** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso campus de Cuiabá-MT. E-mail: jaquinedenardin@hotmail.com

 10.46230/2674-8266-11-2919

Distribuído sob



transsexual body through the medico-scientific discourse used to construct the character of Lili Elbe, a transsexual woman, in David Ebershoff's *The Danish Girl*. The theoretical framework includes studies on an interdisciplinary queer approach in applied linguistics (MOITA LOPES, 2006; FABRICIO, 2017; BUTLER, 1990; SALIH, 2017; MISKOLCI, 2017), as well as on transsexual corporeality in medico-scientific discourse (BENTO, 2008, 2014; CASSANA, 2018; DENARDIN, 2019). The methodological framework is that of analytical and interpretative research. For data generation, selected extracts from Ebershoff's novel were analyzed to verify how the medico-scientific discourse is constructed throughout the narrative. In the story, the main character Lili or Einar Wegener is described as someone who lives within a dual process that sways between two different personas, one male (Einar) and one female (Lili, who emerges over the course of the plot). Even though this character uses medico-scientific discourse(s) as a means of self-justification, it comes forth as collaboration with the pathologizing process associated with transsexual women, still largely viewed as carriers of personality disorders related to sexuality. Results indicate the establishment of an essentiality between gender identity and sexuality, based on the interrelatedness of medico-scientific discourses and the binary gender essentialism found in society (man/woman, male/female). This phenomenon fails to legitimize the social standing of trans people, who have always been a part of society.

KEYWORDS: The Danish girl; body; discourse; medico-scientific; transsexuality.

INTRODUÇÃO

(...) Encontrara Einar, miúdo para seus sete anos, mexendo nas gavetas, com as contas de âmbar ao redor do pescoço e um lenço amarelo amarrado à cabeça feito uma bela cabeleira. O rosto do pai se avermelhara, e seus olhos pareceram afundar no crânio. Einar ouvira a voz do pai vibrando de raiva na garganta. “Você não pode fazer isso!”, dissera o pai, “Meninos não fazem isso!”. E o pequeno Einar retrucara: “Mas por que não?” (EBERSHOFF, 2016, p. 44).

A epígrafe apresenta Einar Wegener, a personagem principal do romance de David Ebershoff, em um episódio de sua infância brincando com as roupas e joias de sua falecida mãe, um ato inocente realizado por uma criança “miúda” de sete anos de idade. No entanto, o pai de Einar, ao se deparar com tal cena, automaticamente repreende o filho ao declarar “você não pode fazer isso! Meninos não fazem isso!”, retomando enunciados hegemônicos de masculinidade com relação aos “papeis sociais” atribuídos aos homens e às mulheres daquele contexto.

Em resposta às declarações de seu pai, o pequeno Einar interroga: “Mas por que não?”. Esta pergunta, a *grosso modo*, exemplifica o que as teorias *queer* e estudos de gênero buscam interrogar em suas discussões, quais sejam as classificações binárias categorizadoras (homem-mulher, hétero-homo, branco-negro etc.) que dominam a sociedade, podendo ter o efeito de segregar aqueles/as que não se enquadram em tais dualismos, classificando-os como aberrações (BUTLER, 1990; MISKOLCI, 2017; SALIH, 2017).

Este artigo se ancora em uma perspectiva de discurso¹ em Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006; FABRICIO, 2017; SOUZA; ZOLIN-VESZ, 2018), que se vale de um arcabouço teórico

1 Discurso, fundamentado em Foucault (2005), entendido como práticas institucionais, linguísticas e médicas, entre outras, que sistematicamente geram o objeto do qual enunciamos.

transdisciplinar que se afasta de uma vertente que postula a ideia de aplicação da Linguística. Nessa visão, as teorias que nos fundamentam são cruzadas pelo campo das ciências humanas e sociais com a finalidade de criar inteligibilidade aos problemas de ordem social e sua relação com linguagem-discurso (MOITA LOPES, 2006; SOUZA; ZOLIN-VESZ, 2018). Informamos ao leitor que esta investigação não se centraliza em questões puramente linguísticas, antes converge na produção de enunciados que colaboram para a disposição de certos sentidos em determinado momento sócio-discursivo (FOUCAULT, 2012).

Portanto, este artigo abriga o propósito de discutir os sentidos em torno do corpo transexual por meio do discurso médico-científico, na construção da personagem Lili Elbe na condição de mulher transexual, na obra *A garota dinamarquesa*, de David Ebershoff. Esta se baseia livremente na história real do pintor dinamarquês Einar Magnus Andreas Wegener – posteriormente Lili Ilse Elvenes, mais conhecida como Lili Elbe –, reconhecido como uma das primeiras pessoas a realizar a cirurgia de transgenitalização na década de 20 do século passado, em Dresden, na Alemanha.

Ao elaborarmos o levantamento dos trabalhos existentes, circundantes ao escritor David Ebershoff, no Brasil (FARIA; RIBEIRO, 2015; MOURA *et al.*, 2018; ALVES, 2017; TOPCZEWSKI, 2016), constatamos que o foco desses estudos circunvia à produção cinematográfica da obra *A garota dinamarquesa*, lançada em 2015, um filme de drama pseudobiográfico, dirigido pelo cineasta britânico Tom Hooper, baseado na obra de David Ebershoff.

Os principais trabalhos atinentes à obra de Ebershoff analisam a questão da “leitura narrativa poética do filme como expressão simbólica de um tema religioso/criacionista por meio da Direção de Arte” (BRITO, 2018, p. 12). Discutem “como o feminino é representado como uma performance executada e construída por Lili, a protagonista” (BISIAK, 2017). Os trabalhos citados também alinham como temas mais recorrentes: a alternância de personas, entre Einar, personagem masculino, e Lili, personagem feminina do filme (MOURA *et al.*, 2018; ALVES, 2017); a construção da identidade transexual da personagem Einar (Lili) na obra fílmica e a performance do feminino executada por Lili no decorrer do romance de Ebershoff (TOPCZEWSKI, 2016; FARIA; RIBEIRO, 2015).

Não obstante, nenhuma das pesquisas referidas punha em dúvida os sentidos do corpo transexual em decorrência do discurso médico-científico e a constituição de Lili Elbe enquanto sujeita transexual na narrativa. Diante disso, esta pesquisa se insere nesta lacuna deixada pelas investigações anteriores ao empreender breve discussão sobre a idealização do corpo da mulher transexual mediado pelo discurso médico.

A Garota Dinamarquesa é o primeiro romance, publicado nos anos 2000, por David Ebershoff, um escritor e professor universitário branco cis gênero norte-americano². Logo, no prefácio da obra, o autor pontua que seu livro não deve ser lido como uma biografia de Lili Elbe, e sim como um romance de ficção adaptado de suas próprias interpretações sobre fatos da história de vida de Lili. “O leitor não deve procurar neste romance muitos detalhes biográficos da vida de Lili Elbe” (EBERSHOFF, 2016, p. 8).

Deste modo, o romance de Ebershoff foi baseado livremente na obra “*Man into Woman: the first*

2 Ao pormos em relevo que David Ebershoff é escritor e professor universitário branco cis gênero norte-americano, não pretendemos tornar isto como algo restritivo, como se existisse um sujeito legítimo para falar sobre a temática transexual, mas buscamos evidenciar a posição social que Ebershoff ocupa e seu local de fala como criador da obra estudada.

sex change”, com manuscritos, cartas e entrevistas de Lili Elbe, e publicado após sua morte em 1933 por Niels Hoyer. Assim, a narrativa de Ebershoff utilizou a obra e a vida de Lili Elbe como “pano de fundo”, criando sua própria versão ficcional acerca das experiências vividas por Lili.

Esta é uma obra de ficção inspirada na história de Lili Elbe e sua esposa, Gerda. Escrevi o romance a fim de explorar o espaço íntimo que definia esse casamento único, e tal espaço só poderia ganhar vida por meio de conjectura, especulação e liberdade de imaginação. Alguns fatos importantes sobre a transição real de Lili encontram-se nestas páginas, mas a história tal como narrada aqui, com detalhes de lugar, tempo, linguagem e vida interior, é uma invenção de minha imaginação. (EBERSHOFF, 2016, p.7).

Assim, Ebershoff destaca que o romance foi criado com a intenção de “explorar o espaço íntimo” do casamento de Einar e Gerda e que, para tanto, lançou mão de muita “especulação e liberdade de imaginação”. O autor assevera, também, que sua narrativa alberga detalhes de lugar, tempo, linguagem e vida interior próprios. De igual modo, é relevante salientar que os enunciados aí presentes podem revelar sentidos sociais em torno do corpo transexual. Assim, não olhamos os significados produzidos no texto como características puramente literárias, mas como enunciados atravessados por diferentes discursividades que procuram constantemente categorizar corpos considerados abjetos.

Porém, o discurso médico-científico e de abjeção é tão latente na obra de Ebershoff que Einar, por exemplo, acredita possuir órgãos femininos escondidos dentro de seu corpo. Ele presume que tais órgãos são responsáveis pela ocorrência de inúmeros sangramentos espontâneos que ele sofre, os quais não conseguem ser explicados pelo saber médico. “Ninguém lhe diria isso, mas ele sabia que sangrava porque era fêmea por dentro” (EBERSHOFF, 2016, p. 195). Assim, Einar entende, que ao sangrar, seu corpo está protestando em favor dos órgãos femininos escondidos e negligenciados.

Neste trabalho, utilizaremos exemplos do romance para ilustrar e comentar como um ideário de corpo transexual se desvela baseado no discurso médico-científico. Outras questões latentes no romance, a exemplo da sexualidade e identidade de gênero de Einar, antes e após transição, bem como de sua íntima relação com sua esposa não serão abordadas detalhadamente.

Para compor nosso percurso analítico-interpretativo, seguimos os seguintes procedimentos: a) leitura exploratória inicial para conhecer a obra literária que compõe o *corpus* deste trabalho que insinuava momentos de interação entre a personagem transexual e os médicos e com outros personagens. Com base nesse reconhecimento prévio, selecionamos trechos representativos como amostra mais evidente de um discurso médico-científico e de abjeção em torno da explicação do corpo transexual; b) realizamos a leitura e releitura do material com a finalidade de agrupar as recorrências discursivas observadas; c) seleção dos excertos para ilustrar o discurso médico-científico; d) análise interpretativa dos trechos representativos.

Este artigo está dividido em duas seções. A primeira destaca conceitos acerca da Linguística Aplicada *queer* e indisciplinar (BUTLER, 1990; MISKOLCI, 2017; SALIH, 2017; MOITA LOPES, 2006), ao discutir a existência de categorias binárias limitadoras – macho-fêmea, hétero-homo, entre outras –, em prol de uma transformação social; e na segunda expõe exemplos e comentários do romance de Ebershoff, interseccionados por investigações no tocante a transexualidades e corporeidade transexual (BENTO, 2014; CASSANA, 2018; DENARDIN, 2019) para discutir a construção da ideia de mulher transexual

idealizada pelo saber médico-científico, ancorado na constituição da personagem Lili Elbe no decorrer da narrativa.

A seguir, breve discussão acerca das teorias que estudam os gêneros como pressupostos teóricos que investigam e inquiram as categorias binárias de pensamento e “catalogação” do mundo social ao exporem e questionar a instabilidade das identidades sexuadas e “generificadas”.

LINGUÍSTICA APLICADA *QUEER* E INDISCIPLINAR: DISCUTINDO QUESTÕES DE GÊNERO E TRANSEXUALIDADES

Moita Lopes (2006) sobreleva a necessidade de pensar em uma Linguística Aplicada que venha extrapolar o campo da pesquisa centrado puramente em questões linguísticas em direção às mais diversas áreas do conhecimento, como as ciências sociais e as humanidades. O autor denomina essa linguística de indisciplinar, mestiça e de caráter transdisciplinar. É indisciplinar por transgredir os limites disciplinares dos diversos campos do conhecimento humano. Diz-se mestiça por mesclar as mais variadas áreas de conhecimentos. É chamada transdisciplinar por atravessar as mais diversas disciplinas em direção a uma abordagem holística de conhecimento. Portanto, alicerçados neste pensamento, empreendemos uma discussão acerca das questões de gênero e transexualidades sob o viés indisciplinar e transgressor de uma Linguística Aplicada *queer*, mestiça ao recorrermos a conceitos e teorizações provenientes de diversos campos do conhecimento, notadamente as ciências sociais, filosofia, biologia e linguística.

Posto isso, reconhecemos que a padronização dos comportamentos é algo presente na sociedade desde a sua constituição, conforme acentua Denardin (2019, p. 55): “Os comportamentos ditos masculinos ou femininos manifestar-se-iam a partir do momento em que se identifica a presença do falo ou não”. Portanto, orientando-se socialmente pela presença do pênis ou por sua ausência, há práticas que são permitidas só para os meninos, outras para as meninas.

Ao pensar a transexualidade, no entender de Cassana (2018, p. 21), “muito mais do que um corpo de exclusão (não é homem, não é mulher)”, precisamos dizer que o sujeito transexual é marginalizado e excluído em diversas esferas sociais, seja familiar, seja religiosa, seja política. A essa luz, podemos talvez entender o porquê de alguns lerem os dissidentes do padrão binário de gênero como se não fossem humanos, recusando a entendê-los como pessoas detentoras de direitos justificando toda forma de violência física e simbólica. Logo, todo e qualquer sujeito é constituído/interpelado pelo simbólico: “o simbólico faz do homem um animal fundamentalmente regido, subvertido pela linguagem, o que determina as formas de seu vínculo social e principalmente suas escolhas sexuais” (OCARIZ, 2003, p. 103).

Diante do exposto, quando falamos em uma proposta *queer* de pensamento, estamos nos identificando com uma proposta que mira o questionamento de categorias binárias excludentes em busca de transformação social. As teorias *queer*, perseguindo o pensar de Miskolci (2017, p. 26), almejam inquirir a criação e disseminação dos conceitos de normalidade e anormalidade ao aclararem as injustiças e violências que estão presentes na propagação e no cumprimento das normas e convenções culturais. Portanto, Miskolci (2017, p. 43) elucida que “o *queer* é relacionado a tudo que é socialmente chamado de estranho, anormal e, sobretudo, abjeto”.

De conseguinte, o *queer*, segundo Salih (2017, p. 19), “não está preocupado com definição, fixidez

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação”. A autora também afirma que as teorias *queer* apontam para a volubilidade e ambiguidade das identidades “genericadas” e sexuadas.

Nas pegadas de Miskolci (2017), o saber médico, fundado no diálogo entre as demandas dos direitos sexuais e reprodutivos, está em constante atualização. Daí, tanto as teorias e classificações passadas quanto as atuais não devem ser encaradas como verdades absolutas e atemporais. Segundo o autor, o gênero é cultural e tudo aquilo que é masculino e feminino está presente tanto em homens quanto em mulheres.

Butler (2017, p. 21), por sua vez, destaca que o “gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”. Conseqüentemente, no entendimento da autora, o conceito de gênero está intrinsecamente relacionado à cultura e à política, meio pelo qual tal conceito é produzido e mantido. Logo, a autora salienta a diferenciação entre a noção de sexo, relacionado ao biológico, e gênero, como construto cultural, ao evidenciar a noção “flutuante” do gênero diante de uma independência acerca do termo sexo, distinguindo a possível existência tanto de um homem e um corpo feminino ou masculino, quanto de uma mulher e um corpo masculino ou feminino. Dessa maneira, o sexo biológico não define seu gênero, o qual pode embutir diversos significados e corporeidades.

Conseqüentemente, Salih (2017, p. 67) atesta que Butler define o gênero como “não natural” e “não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero.” Para a autora, isso implicaria a existência de um corpo designado como “fêmea”, sem exibir traços usualmente identificados como femininos, e um corpo “macho” sem traços usuais masculinos.

Perante os questionamentos provenientes da distinção entre sexo e gênero e da contestação do caráter aparentemente imutável do sexo, Butler chega à conclusão que o sexo, na verdade, sempre foi gênero. “[...] talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nula [...]” (BUTLER, 2017, p. 27).

Butler (2017, p. 69) certifica que o gênero possui uma característica reiterativa e, por meio de intensas repetições ou “encenações”, o gênero é sustentado em uma estrutura altamente regulatória. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” Da mesma forma, Salih (2017, p. 83) afirma que Butler “considera tanto o sexo quanto o gênero como “encenações” que operam performativamente para estabelecer a aparência de fixidez corporal.” Com base no conceito de “encenação”, Butler assegura que os sujeitos podem, conseqüentemente, “encenar” o gênero de maneiras “inesperadas e potencialmente subversivas”.

Bento (2014, p. 135-137) põe em relevo que, na sociedade ocidental, caso alguém opte por utilizar indumentárias não apropriadas para seu gênero, tal sujeito é prontamente descrito como detentor de uma personalidade desequilibrada. Ainda segundo a autora, a subjetividade dos transexuais está ancorada em uma relação entre “as ideologias e as tecnologias e se cristaliza nas práticas de determinadas instituições culturais, como a profissão médica”.

Ademais, Bento (2014, p. 26) expõe o conceito de “verdadeiro transexual” no discurso médico, o qual “a) odeia seu corpo, b) é assexuado/a e c) deseja realizar cirurgias para que possa exercer a sexualidade

normal, a heterossexualidade, com o órgão apropriado”. Este discurso de ódio e rejeição com relação ao próprio corpo e negação da própria sexualidade se faz presente em muitas passagens da narrativa da obra analisada, que compõem este artigo.

A coerência dos gêneros está na ausência de ambiguidades e o olhar do especialista está ali para limpar, cortar, apontar, assinalar os excessos, fazer o trabalho de assepsia. É o dispositivo da transexualidade em pleno funcionamento, produzindo realidades e ritualizando-as como verdade nas sentenças proferidas seja com julgamentos seja com olhares inquisidores dos membros da equipe médica. (BENTO, 2014, p. 70).

Bento (2014) realça que, diante da assepsia de gêneros e eliminação de tudo aquilo que é ambíguo, o dispositivo da transexualidade entra em pleno funcionamento ao produzir realidades e julgamentos acerca do corpo transexual. Todavia, consonante a autora, os sujeitos transexuais paradoxalmente também buscam reproduzir o modelo de gênero que acreditam ser adequado para sua nova experiência de gênero e muitos deles “tentam reproduzir o modelo de mulher submissa e do homem viril, pondo em destaque traços identificados com as normas de gênero” (BENTO, 2014, p. 123).

Geralmente, depois de um longo período de impedimentos, começam a vivenciar experiências do gênero com o qual se identificam. Como não tiveram acesso à socialização de uma menina ou de um menino, tampouco vivenciaram os processos de interiorização das verdades que resultam na incorporação de uma determinada estilística dos gêneros, terão de aprendê-las. (BENTO, 2014, p. 124).

Portanto, Bento (2014) assevera que os transexuais são forçados a aprender as verdades provenientes da estilística dos gêneros tardiamente, pois não tiveram acesso à socialização na qualidade de menina ou menino na infância. “Os sujeitos tentam, em suas práticas, reproduzir modelos que se supõem como verdadeiros para seu gênero ou para o gênero com o qual se identificam, como é o caso dos/as transexuais” (BENTO, 2014, p. 126).

Com base nos conceitos apresentados anteriormente e alicerçados nas teorias linguísticas indisciplinadas *queer* e nos estudos de gênero e transexualidades, esta pesquisa discute a construção, interseccionada pelo discurso médico-científico, da personagem transexual Lili Elbe, alicerçada no conceito de gênero como construto sociocultural, não natural, reiterativo e performático, e das teorias *queer*, como construções que visam à desestabilização de normas autoritárias, enrijecidas e categorizadoras do mundo social.

A GÊNESE DE LILI ELBE ENQUANTO SUJEITA TRANSEXUAL, À LUZ DO DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO NA OBRA DE EBERSHOFF

Nesta seção do artigo, faremos análise sobre alguns excertos da narrativa de David Ebershoff tendo como alicerce teórico os estudos sobre a transexualidade (BENTO, 2014; CASSANA, 2018; DENARDIN, 2019) no discurso médico-científico e o conceito fictício do “verdadeiro transexual”, ancorado no discurso médico.

Pouco tempo após começar a se vestir e a viver como Lili, Einar realiza sua primeira consulta

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

médica com um médico dinamarquês, Dr. Hexler. Procura o médico motivado principalmente pela ocorrência de uma série de sangramentos repentinos que o acometem no nariz e na região da virilha, os quais acontecem principalmente enquanto vestido como Lili.

Excerto 1

(...) - A saúde dele é normal. Mas ele é um homem normal? Nem um pouco. O seu marido não está bem. – o que eu posso fazer? – a senhora tem tranca no armário? Para não deixar que ele pegue as suas roupas? – é claro que não – pois devia colocar uma imediatamente. – o que adiantaria isso? Além do mais, ele tem os vestidos dele. – livre-se deles imediatamente. A senhora não deve encorajar isso. Se ele achar que a senhora aprova, pode pensar que não há problema em fingir que é Lili – e aí não haverá esperança para ele. (EBERSHOFF, 2016, p. 134).

No excerto 1, o conceito de normalidade sobre o corpo do sujeito e normas ditadas pela sociedade sobre o comportamento esperado para cada gênero – masculino e feminino – é reforçado pelos dizeres do médico, como se este estivesse apto, e de certa maneira está, para dizer quem é Einar, impondo condições à este comportamento e este corpo, como se fosse possível extinguir Lili, a verdadeira identidade de Einar, dizendo implicitamente que somente Einar é algo/alguém aceitável para a sociedade.

Excerto 2

Portanto, o discurso médico vem tratar esses sujeitos e intervir em seus corpos para que suas existências sejam socialmente legitimadas e possivelmente aceitas, não, contudo, sem marcas de violências e preconceitos que circundam a vida dos sujeitos trans. Assim como no discurso médico que ainda diz, dita e interdita sobre os sujeitos trans, pois é atravessado pelas ideologias presentes na sociedade heteronormativa, (...) uma vez que os afeta e tenta culpabilizá-los por serem quem são. (DENARDIN, 2019, p. 92).

Portanto, ao afirmar que, apesar de Einar possuir a saúde normal, ele não poderia ser visto como um homem “normal”, o médico põe em xeque a questão da coerência das normas de gêneros descrita por Bento (2014), pois, para o discurso médico, a ambiguidade representa um fator de incoerência do gênero e, portanto, o especialista médico se apresenta como o sujeito responsável por realizar a assepsia de gênero.

Após a realização da radiografia, Dr. Hexler conclui que Einar não pode ser considerado um homem “normal” justamente porque possui íntima relação com o feminino, representado pela figura de Lili, o que por si só o classificaria como não sendo um “homem de verdade”, algo que situa como um sujeito “anormal”.

Einar também sente que sua genitália masculina representa uma estrutura abjeta em seu corpo. “Soltava um pequeno arquejo, ao descobrir que lá embaixo, entre as coxas brancas e arrepiadas, havia uma certa coisinha enrugada. Aquilo lhe parecia algo tão vil que ela o escondia, fechando bruscamente as coxas e batendo os ossos dos joelhos” (EBERSHOFF, 2016, p. 145).

Portanto, a “coisinha enrugada” que Lili ironiza é a presença do pênis de Einar em seu corpo, aquilo que o torna masculino. A presença da genitália masculina é considerada “vil” e indesejada, o que faz com que Lili a esconda abruptamente. A concepção de Lili sobre seu órgão sexual vai de acordo com o que Bento descreve como uma característica do “verdadeiro transexual”, pois “[...] todos os transexuais de

verdade, por não suportarem seus órgãos, os escondem” (BENTO, 2014, p. 192).

Diante da concepção de que o “verdadeiro” transexual deveria ser um sujeito assexuado (BENTO, 2014), podemos compreender que Einar é descrito como alguém de baixa libido e conseqüente com falta de desejo sexual. O único momento em que Einar se aproxima da efetiva concretização de um ato sexual homossexual é frustrado pela interrupção de outros personagens.

Excerto 3

Quando chegavam a fazer amor – em ocasiões geralmente, mas nem sempre, instigadas por ela – Greta acabava sentindo que algo de inapropriado ocorrera. Como se ela já não devesse querer tocá-lo. Como se ele já não fosse seu marido. (EBERSHOFF, 2016, p. 96).

Ainda sobre atos sexuais:

Excerto 4

Einar abriu a boca. Teve a impressão de sentir um gosto amargo e quente, e no instante em que pôs a língua para fora da boca e o sujeito deu o passo final à frente, no instante em que teve certeza de que Lili chegara para ficar e que em breve Einar teria de desaparecer, nesse instante ouviu-se uma batida pesada à porta; depois se ouviu outra e Madame Jasmin-Carton entrou gritando, mandando-os sair dali e berrando raivosamente de nojo. (EBERSHOFF, 2016, p. 169).

No excerto 3, descreve como as relações sexuais entre Greta e Einar, na qualidade de marido e mulher, são caracterizadas no romance. O ato sexual se concretiza por meio da iniciativa de Greta e da indiferença de ambos, como se o sexo em si fosse algo inapropriado e Einar “já não fosse seu marido”.

Já no excerto 4, Einar está em uma casa de *strip-tease* em Paris e depara com a presença de um homem, o qual chama sua atenção e o instiga. Tal sujeito se aproxima de Einar em uma nítida investida sexual, mas este momento é interrompido pela dona do estabelecimento, que, aos gritos expulsa ambos do local.

Contudo, Einar não considera tal investida sexual um ato homossexual, pois entende que, naquele momento, Lili está “possuindo” seu corpo. Podemos perceber que Einar está apoiado em uma visão que busca se adequar ao heterossexual, desvinculando-se do homossexual entendido como o “diferente” ou abjeto. Bento (2014, p. 262) sobreleva que “a identificação dos/as transexuais como gays/travestis/lésbicas está todo o tempo lembrando-os/as de sua condição de diferentes”.

Os sujeitos que se encontram fora dessas normas entre gênero e sexo, como transexuais, travestis, *crossdresseres*, *drag queens*, entre outros, foram, por muito tempo e ainda são, considerados doentes mentais, por se apresentarem à sociedade normatizada fora dos padrões desse binarismo imposto. (DENARDIN, 2019, p. 52).

O sujeito transexual é aquele que rompe com a norma estabilizada do gênero, pois não é lido como homem – no caso do homem transexual, pois tem vagina – tampouco como uma mulher – no caso da mulher transexual, pois tem pênis –, e não será uma cirurgia de redesignação de sexo que mudará essas ideias. Todavia, a transexualidade tem possibilitado outras de ser, que não o homem e a mulher, mas formas de ser homem e formas de ser mulher, ou não ser nenhum, apenas ser, que vai além da identidade baseada no biológico.

Em certo momento da narrativa, Einar passa a estudar questões relativas à sexualidade e depara com os termos “ambivalência sexual” e “hermafroditismo”. Einar se reconhece na definição de ambivalência sexual com a não identificação com qualquer um dos sexos e a presença de uma certa dualidade. Já sobre o hermafroditismo, Einar acredita possuir órgãos femininos escondidos internamente em seu corpo.

Excerto 5

Por fim leu o suficiente para se convencer de que ele também possuía os órgãos femininos. Enterrados nas cavidades de seu corpo estavam os órgãos de Lili, os volumes e dobras sangrentas de carne que faziam dela o que ela era. No começo foi difícil acreditar, mas depois a ideia de que aquilo não era um problema mental, e sim físico, passou a fazer cada vez mais sentido para ele. Ele imaginava um útero enfiado atrás de seus testículos. Imaginava dois seios aprisionados de alguma forma em sua cavidade torácica. (EBERSHOFF, 2016, p. 184).

No excerto 5, podemos observar como este autodiagnóstico de Einar visa, acima de tudo, a desassociação de sua condição como sujeito com algum tipo de “problema mental”, a qual é atribuída a muitos transexuais em busca de diagnóstico médico. O alívio da personagem reside no fato de que seu problema não é mental, e sim físico, e a partir disso, ele imagina a presença dos órgãos femininos escondidos em seu corpo. O que, segundo ele, é tido por estranho, diferente, disforme.

Nesse momento, Einar se autoclassifica como hermafrodita. Ele relaciona seus sangramentos, que não obtêm os diagnosticados resultantes de nenhum fator biológico aparente, à presença dos órgãos femininos internos em seu corpo. “[..]Ninguém lhe diria isso, mas ele sabia que sangrava porque era fêmea por dentro. Já lera a respeito do assunto: os órgãos femininos submersos do hermafrodita causavam hemorragias periódicas, como que protestando” (EBERSHOFF, 2016, p. 195-196).

Ademais, Einar passou por inúmeras consultas médicas frustradas e vários diagnósticos diferentes, como homossexualismo³, esquizofrenia e distúrbios de comportamento/confusão de identidade. Para este último diagnóstico, o médico até sugere a realização de “uma cirurgia bastante simples, e que vem funcionando em pessoas com distúrbios de comportamento”. A lobotomia⁴, a qual se refere a “um procedimento cirúrgico simples, onde se cortam conexões na parte frontal do cérebro” (EBERSHOFF, 2016, p. 202).

Nesse meio tempo, Greta é quem “finalmente” encontra o professor doutor Alfred Bolk que propõe algo ainda inusitado para a época, a cirurgia de transgenitalização. Greta acentua que “[...] o professor Bolk acha que pode transformar Einar numa mulher, não mentalmente, mas fisicamente”. Ela classifica a cirurgia de transgenitalização como uma série de “cirurgias transformistas” (EBERSHOFF, 2016, p. 212).

De conseguinte, Einar vai até Dresden para realizar as “cirurgias transformistas” propostas pelo Doutor Bolk e reflete que “[...] sabia que passaria por uma série de cirurgias para a remoção de seu sexo, que ele cada vez mais considerava algo parasítico e sem valor, da cor de uma verruga” (EBERSHOFF, 2016, p. 227).

3 Nesse caso, a palavra homossexualismo é escrita com o sufixo – ismo na narrativa propositadamente, a ideia é se referir à antiga classificação da homossexualidade como doença mental. No romance, Einar recebe o diagnóstico de que seria homossexual e isso é apresentado como se fosse uma doença gravíssima sem cura.

4 Uma antiga técnica para tratamento psiquiátrico de esquizofrenia e depressão, qual ficou comprovada por trazer inúmeros danos mentais irreversíveis para os pacientes.

Bento (2014, p. 196) argumenta que a cirurgia de transgenitalização traz embutidos significações muito diversas a depender de quem as realiza, pois “os motivos que levam uma pessoa a fazer a cirurgia não são sempre os mesmos e, muitas vezes, não estão imediatamente vinculados à sexualidade: surge em momentos e condições de cada biografia”.

No caso de Lili, não é possível afirmar com precisão quais os reais motivos que a levariam a realizar tais procedimentos cirúrgicos. Contudo, ela considera sua genitália masculina como algo “parasítico e sem valor” e a compara a uma verruga. Tal rejeição alude à busca da personagem por um ideário de corpo sem ambiguidades e preferencialmente heterossexual.

O corpo do transexual é um corpo que carrega a necessidade de subverter a lógica disjuntiva e binária estipulada pelo discurso que relaciona o sexo ao gênero. Somente por isso, esse corpo já é um corpo de confronto, que se arrisca a enfrentar as (im)possibilidades do gênero. Ainda que os sujeitos transexuais também necessitem identificar-se com os elementos pré-construídos, a posição em que se encontram já os faz sujeitos que se rebelam às amarras do que é pré-construído como natural e original. (CASSANA, 2018, p. 109).

O discurso sobre o corpo do sujeito transexual também recai na ideologia do binarismo homem/mulher, masculino/feminino e principalmente na “readequação” da genitália baseada na ideia biológica sobre o gênero, na qual homem tem pênis e mulher tem vagina, e não haveria outra forma de o ser, portanto o sujeito transexual se submete a esses procedimentos na tentativa de se adequar à ideia dualista de gênero, na ânsia de uma aceitabilidade da sociedade.

Bento (2014, p. 192) sinaliza que uma das principais motivações para a demanda da cirurgia de transgenitalização reside na “vontade de exercer a sexualidade normal⁵, como uma pessoa normal, com o órgão apropriado”. De certa forma, Einar deixa transparecer esta vontade diante das declarações feitas no excerto 5.

No primeiro encontro entre Einar e o professor Bolk, este resolve contar a Einar sobre outro paciente que também o procurou na busca da cirurgia de transgenitalização, argumentando que, apesar de estar convencido de sua feminilidade, no dia de sua primeira intervenção cirúrgica, resolve fugir e desistir dos procedimentos.

Excerto 6

Então Bolk começou a falar do outro paciente, que estava tão convencido de sua feminilidade que se apresentava como Sieglinde Tannenhau, mesmo quando se vestia de homem. Era motorneiro de uma linha de bonde entre Wolfnitz e Klotzsche, e insistia em ser chamado de senhorita pelos passageiros. Mas ninguém entendia o que ele queria. Todo o mundo ficava sem ação ao vê-lo ali, de uniforme azul e gravata preta. – na manhã da primeira cirurgia, porém, ele desapareceu – explicou o professor, fugiu do quarto na clínica, dando um jeito de enganar Frau Krebs. Sumiu. Acabou voltando a trabalhar no bonde, já com uma versão feminina do uniforme, uma saia azul-escura com cinto de lona. (EBERSHOFF, 2016, p. 250).

Ainda sobre a padronização das vestimentas:

5 Normal deve ser entendido dentro das expectativas sociais de adequação de comportamento heteronormativo; o oposto seria lido como abjeto e anormal.

Excerto 7

(...) ele disse que queria ser mulher. Disse que a única coisa que queria era ser amado por um homem. Estava disposto a fazer qualquer coisa por isso. Veio me ver no consultório, usando um chapéu de feltro e um vestido verde. Portava um relógio de bolso como um homem, lembro-me disso, porque o puxava durante nosso encontro e ficava olhando para ele, dizendo que precisava ir embora, porque chegara a dividir seus dias a meio, vivendo as manhãs como mulher e as tardes como homem. (EBERSHOFF, 2016, p. 181).

Como vimos nos excertos 6 e 7, Sieglinde Tannenhaus utiliza vestimentas masculinas e possui nome feminino. Não bastasse, insiste “em ser chamado de senhorita pelos passageiros”. Quando o médico aponta que “todos ficavam sem ação ao vê-lo ali”, podemos perceber que Sieglinde transgride as convenções de gênero estabelecidas por aquela sociedade e sua presença é vista como algo “exótico”, pois este sujeito não se encaixa nos padrões masculinos e femininos.

Portanto a experiência de Sieglinde, segundo Bento (2014, p. 26), não reivindica as cirurgias estimuladas por sua sexualidade e muito menos porque ele seria assexuado, pois os transexuais “querem mudanças nos seus corpos para que possam ter inteligibilidade social”. Ou seja, na sociedade, todos aqueles que não se encaixam em corpos masculinos ou corpos femininos se põem à margem, fora da categoria daquilo que se entende por humano.

Dessa maneira, Sieglinde se propõe realizar a cirurgia impulsionada por seu desejo de inteligibilidade social. No entanto, ela desiste das intervenções cirúrgicas e passa a viver fora daquilo que Bento classifica como o “dispositivo da transexualidade”, um conhecimento que almeja “interferir na organização da subjetividade e na definição da sexualidade apropriada” (BENTO, 2014, p. 285).

Além disso, Sieglinde divide seus dias ora como mulher e ora como um homem, vivendo certa dualidade, assim como ocorre com Einar/Lili. Posto isso, Bento (2014, p. 192) alega que “a motivação principal para demandá-las [as cirurgias de transgenitalização] seria a vontade de exercer a sexualidade normal, como uma pessoa normal, com o órgão apropriado”.

Assim, esta vontade de “exercer a sexualidade normal” descrita por Bento é nítida neste fragmento, pois Sieglinde menciona querer “ser amado por um homem” em uma clara referência ao exercício da heterossexualidade, que só poderia ser possível por meio da realização da cirurgia e existência de um órgão sexual apropriado.

Excerto 8

(...) - já sou Lili? Eu me tornei Lili Elba? – você sempre foi Lili. – sim, mas, se eu olhasse para baixo agora, veria o quê? – não pense dessa forma – disse Greta – não é isso que define você como Lili. – a operação deu certo? – Frau Krebs disse que sim – como é que eu estou? Diga, Greta... como é que eu estou? – muito bonita. – já sou realmente uma mulher? (EBERSHOFF, 2016, p. 269).

No excerto 8, podemos notar como Lili, imediatamente após despertar da cirurgia de transgenitalização, questiona Greta, que naquele momento representaria a inteligibilidade social, em busca de aprovação diante de sua “nova” aparência, seu *status* na qualidade de “realmente mulher”.

Logo após a intervenção cirúrgica, Lili comemora o êxito da operação de transgenitalização

realizada pelo professor Bolk e o define como um “homem capaz de fazer milagres”. Podemos notar como o conhecimento médico-científico, representado pelo especialista médico, é enaltecido pela personagem. “Ele está conseguindo, Greta. Exatamente como você disse que ele conseguiria. Está me transformando numa mocinha” (EBERSHOFF, 2016, p. 276).

Ainda, segundo Bento (2014, p. 265), mediante o corpo “cirurgiado”, o sujeito transexual busca se vincular a um modelo idealizado daquilo que entende por mulher ao se associar à imagem de mãe, santa e dona de casa em contraposição à prostituta. “Lili sempre desejava aquilo. Sabia que se casaria um dia; quando pensava no assunto, sentia que não poderia representar papel maior na vida do que ser a esposa de um homem [...]” (EBERSHOFF, 2016, p. 313).

Por fim, Lili retorna a Dresden para a realização de uma última cirurgia, agora um transplante de útero, pois desejava poder ter filhos com seu futuro marido. Contudo, este último procedimento acaba sendo sua própria ruína, pois mesmo que o romance não esclareça o que aconteça a Lili depois disso, o leitor é levado a inferir que tal procedimento, com base na história real de Lili Elbe, não pode ser efetivamente realizado, ocasionando a morte da personagem, como pode ser observado abaixo:

Excerto 9

Começara a pensar em si mesma como uma viajante, embarcando para um mundo que só ela podia imaginar. Quando fechava os olhos, via a sala do apartamento de Nova York, com um apito policial soando na rua e um bebê pulando no seu colo. Imaginava uma mesinha com um paninho sobre a superfície e o porta-retrato de prata com os dois ovais exibindo duas fotografias: uma de Henrik e dela no dia do casamento; e a segunda do primeiro filho deles, numa túnica de batismo comprida, com ilhoses na bainha. (EBERSHOFF, 2016, p. 326).

As narrativas apresentadas, neste trabalho, sobre a estória de Lili, recaem sempre no discurso do corpo ideal – baseado no binarismo de gênero: masculino/feminino – para o homem e para a mulher, impossibilitando qualquer sujeito de fugir a esta regra, no entanto, compreendemos que o sujeito transexual pode ser exceção a essa regra: é a ruptura nas matrizes de inteligibilidade de gênero (BUTLER, 1990) e, por assim ser, abre espaço para um modo de ser transexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos a propósito dos sentidos em torno do corpo transexual. Teoricamente nos embasamos em uma perspectiva de Linguística Aplicada, de vertente indisciplinar, que busca compreender a organização social e sua relação com a linguagem e seu diálogo com as teorias *queer*. Em nosso caso, o romance analisado, como outros artefatos culturais, também colabora para (re)produzir sentidos acerca do corpo de pessoas transexuais por meio de um discurso médico-científico sistematicamente desfilado na construção da personagem Lili Elbe, enquanto sujeita transexual, por intermédio de exemplos e comentários do romance. Nas palavras de Butler (2003, p. 39):

Se a “identidade” é um *feito* de práticas discursivas, em que medida a identidade de gênero – entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo – seria o efeito de uma prática reguladora que se pode identificar como heterossexualidade compulsória? Tal explicação

não nos faria retornar a mais uma estrutura totalizante em que a heterossexualidade compulsória tomaria meramente o lugar do falocentrismo como causa monolítica da opressão de gênero? (BUTLER, 2003, p.39)

Dessa forma, a narrativa de David Ebershoff e a personagem Lili Elbe se constituem por meio da legitimação e perpetuação daquilo que Bento (2014) descreve como o conceito de “verdadeiro transexual” ditado pelo discurso médico. O “verdadeiro transexual” de Bento está intimamente amarrado ao conceito de um/a verdadeira/o homem/mulher, o que, para a autora, são conceituações nulas e incapazes de se sustentar por si mesmas. Pois, o próprio conceito de gênero, segundo Butler (2017, p. 27) “é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. A autora ainda destaca que o gênero se reveste de significados culturais por meio do corpo sexuado.

Butler (2017, p. 69) também salienta o caráter reiterativo do gênero, como um conjunto de ações que necessita ser constantemente repetido para que mantenha sua estrutura altamente regulatória. O saber médico também atua nessa manutenção regulatória do gênero, pois, conforme Bento (2014, p. 107), “as performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, pois são analisadas como identidades transtornadas pelo saber médico”.

Portanto, Bento (2014, p. 107) afirma que a experiência transexual é assinalada “por conflitos que põem às claras as ideologias de gênero e os/as colocam em posição de permanente negociadores com as normas de gênero”. Tais negociações de gênero podem tanto reproduzir quanto desestabilizar as normas de gênero por meio das reiterações.

De consequência, Lili Elbe procura reproduzir, a todo momento, modelos que julga legítimos sobre ser mulher e feminina. O seu desejo pela maternidade, submissão, casamento, heterossexualidade e vida doméstica é responsável por sua própria decadência física, dada à sua possível morte após a tentativa de transplante de útero.

No entanto, reconhecemos que a personagem Lili Elbe, em conformação com Bento (2014, p. 287), não almeja realizar as intervenções cirúrgicas somente para estabelecer uma unicidade entre identidade de gênero e sexualidade, mas principalmente busca ser reconhecida como um sujeito pertencente à categoria de humanidade.

Logo, palmilhamos o mesmo pensar de Bento (2014, p. 287) para quem reconhece a legitimidade das intervenções cirúrgicas não significa ratificar a autoridade dos profissionais médicos em tomar as decisões pelos/as transexuais, pois Lili reivindica o reconhecimento social de sua condição como sujeita transexual e, acima de tudo, como ser humano com seus próprios desejos, medos e ambições.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. A. N. *A garota dinamarquesa: a transgênero do século XX*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

BENTO, B. *O que é transexualidade?* São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

- _____. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.
- BISIAK, J. dos S. O gênero sexual como cárcere e como liberdade: A garota dinamarquesa, de David Ebershoff, na perspectiva do performativo e da alternância de sujeitos. *Revista Periodicus*, Salvador, v. 1, n. 7, 2017.
- BRITO, E. R. de. *Relações imagéticas entre artes plásticas e cinema: universos paralelos? Problematizando a elaboração de “A garota dinamarquesa”*. 2018. 306f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa Multidisciplinar em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- CASSANA, M. F. *Corpo e(m) discurso: ressignificando a transexualidade*. Curitiba: Editora Appris, 2018.
- DENARDIN, J. Â. dos S. *O discurso televisivo e o sujeito transexual: sentidos e silenciamentos na mídia*. 2019. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2019.
- EBERSHOFF, D. *A garota dinamarquesa*. Rio de Janeiro: Fábrica231, 2016.
- FARIA, I. M. D.; RIBEIRO, K. C. R. A garota dinamarquesa: uma abreviada apreensão psicanalítica. *Revista PsicoFAE, Pluralidades em Saúde Mental*, v. 4, n. 1, 2015.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma (in)disciplinaridade radical. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 1, p. 1-19, 2017.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2009.
- MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MOITA LOPES, L. P. da. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: _____ (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- MOURA, et al. Transexualidades: Considerações psicanalíticas a partir do filme “A garota dinamarquesa”. *Revista Interfaces Científicas*, v. 7, n. 1, 2018.
- OCARIZ, M. C. *O sintoma e a clínica psicanalítica: O curável e o que não tem cura*. São Paulo: Via Lettera, 2003.
- SALIH, S. *Judith Butler e a Teoria Queer*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- SOUZA, D. dos S.; ZOLIN-VESZ, F. Da hospitalidade à intolerância ao migrante árabe: construções discursivas sobre um mesmo Brasil. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, p. 877-893, 2018.
- TOPCZEWSKI, C. S. A garota dinamarquesa. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica*, São Paulo, v. 25, n. 55, 2016.